

# Gilberto Freyre

## Uma biografia cultural

Enrique Rodríguez Larreta\* Guillermo Giucci\*\*

### RESUMO

O artigo aborda os fundamentos teóricos da biografia cultural, dentro de uma perspectiva das ciências sociais, a partir do estudo da biografia de Gilberto Freyre. Baseando-se em um trabalho rigoroso de análise de fontes e documentos primários relacionados a sua vida e obra, é possível reconstituir os ambientes sociais importantes em sua trajetória. Trata-se do esforço de situar o autor no horizonte cultural de sua época, visando traçar o seu perfil entre seus contemporâneos.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; biografia cultural; teoria e método.

### SUMMARY

This article covers the theoretical grounds of the cultural biography, from an outlook of the social sciences, starting from a study of the biography of Gilberto Freyre. Based on a rigorous research on sources and primary documents related to his live and work, it is possible to reestablish the social environments in its course. It demonstrates the effort to locate the author in the cultural horizon in his own time, aiming at drawing his profile among his contemporaries.

Keywords: Gilberto Freyre; cultural biography; theory and method.

### RESUMEN

El artículo trata de los fundamentos teóricos de la biografía cultural, dentro de una perspectiva de las ciencias sociales, a partir del estudio de la biografía de Gilberto Freyre. Basándose en un trabajo rigoroso de análisis de fuentes y documentos primarios relacionados a su vida y obra, es posible reconstituir los ambientes sociales importantes en su trayectoria. Se trata del esfuerzo de situar el autor en el horizonte cultural de su época, visando plantear su perfil entre sus contemporáneos.

Palabras-llave: Gilberto Freyre; biografía cultural; teoría y método.

A sensação de historicismo é um elemento fundamental no panorama cultural do final do século XX. O sentimento de singularidade tem contribuído para revitalizar o interesse pelo gênero biográfico. O presente artigo pretende mostrar os fundamentos teóricos da biografia a partir da pesquisa sobre a trajetória de Gilberto Freyre.

O despertar da atenção para a importância da biografia na história e nas ciências sociais no Brasil partiu exatamente de Gilberto Freyre, desde seus primeiros trabalhos. Com o frescor de um verdadeiro descobrimento, comenta: “É um ensaio que deve ser relido muitas vezes, o de Carlyle, sobre biografia e a importância do conhecimento do homem pelo homem: ‘a scientific interest and a poetic an alike inspire us in this matter’. Isto porque o problema da existência, sendo diferente para cada homem, é também, em muitos pontos, o mesmo para todos os homens e, portanto, susceptível de estudo científico (sociológico, biológico, psicológico etc.). Ao mesmo tempo, um interesse poético inspira ou informa esse estudo, porque não há problema de existência que não seja para o homem um problema de conflito de sua vontade ou de sua pessoa com a natureza ou com a sociedade. Daí poder dizer-se que, em essência, a História, a Antropologia e, paradoxalmente, a própria Sociologia, não é senão a reunião de inúmeras biografias”. (Freyre, 1975, p.27).

As considerações teóricas sobre o tema, formuladas especialmente em Sociologia (Freyre, 1945), Contribuição para uma sociologia da biografia (Freyre, 1978) e no capítulo metodológico de Ordem e progresso (Freyre, 1959), mantêm plena vigência e podem servir perfeitamente

de marco teórico a nosso projeto de pesquisa. Suas observações e conceitos não ficam a dever nada aos estudos mais sofisticados de história cultural contemporâneos, continuadores da história das mentalidades à Lucien Febvre (Jacques Le Goff, Georges Duby) ou aos estudos da New Cultural History propostos por Natalie Zemon Davis e outros, inspirados em parte pela escola francesa e pelos trabalhos de antropologia cultural de autores como Clifford Geertz, Victor Turner e Mary Douglas.

Gilberto Freyre sublinha o caráter simultaneamente artístico e científico da história e da biografia histórica: “Ao nosso ver, ciência (...) quando história social e cultural diversa da crônica, dos registros, do anedotário do passado; ciência predominantemente cultural, é claro. Embora o historiador cultural e social possa valer-se de recursos artísticos para a reconstituição do passado, limitada, é claro, sua liberdade artística pela necessidade de basear-se aquela reconstituição sobre documentos e evidências de ordem científica, sua história é, em grande parte, uma história natural: de instituições e ou de pessoas sociais. Mesmo o biógrafo não dispõe, dentro do critério científico de biografia, senão de um mínimo de liberdade artística: porque seus retratos, em vez de interpretações mais ou menos arbitrárias, como os retratos do artista puro, têm que ser parecidos com as realidades individuais que os documentos e as evidências, diretas ou indiretas, lhe apresentem. (...) Daí poder dizer-se da hoje clássica biografia do Dr. Johnson pelo seu compatriota Boswell que apresenta qualidades científicas de exposição e descrição. Sobretudo a qualidade, destacada por um estudioso moderno da técnica biográfica, de apre-

sentar o biografado em todas, ou quase todas, as suas reações de temperamento e em muitas circunstâncias diferentes. Nós diríamos: em muitas de suas reações de temperamento e em muitas ou mesmo quase todas as situações sociais diversas que a condicionaram. Entretanto é um trabalho, o de Boswell, de qualidades artísticas e não apenas científicas, e tão sem cientificismo que parece apenas literário". (Freyre, 1945, p.184)

Para Freyre, a biografia nas ciências sociais implica uma individualização máxima da realidade humana. Isto deve estar presente, inclusive, no ethos do biógrafo. "Symons me parece ter inteira razão quando diz que o biógrafo do futuro não será o puro scholar, mas o indivíduo ávido de personalidade. Isto é - penso eu - ansioso por conhecer, compreender, interpretar, revelar, reviver personalidades. E sendo as personalidades, até mesmo para os sociólogos, "sínteses dramáticas" de épocas, meios, classes, raças, sub-raças, movimentos, reações, revoluções, o elemento dramático nunca lhes falta, embora às vezes se esconda dentro de grandes simulações ou aparências do que os ingleses chamam undramatic. Nem por não ter havido frio, duelo ou fome na vida de um Robert Browning ou na de um Thomas Hardy, deixaram eles de ter sido personalidades dramáticas. E o mesmo é certo dos Mallarmé, dos Goncourt, dos Mark Twain, dos homens aparentemente mais tranqüilos que têm criado obras literárias superiores ou realizado grandes experiências artísticas". (Freyre, 1981, p.13)

Kendall, estudioso da vida de Luís XV e considerado um virtuoso na arte da biografia, comenta que o verdadeiro biógrafo encontra-se ameaçado por dois perigos: a biografia romanceada, que simula a vida, mas não respeita os materiais dos quais dispõe, e a biografia-compilação, repleta de feitos, mas que não consegue reviver o ser humano. "Uma carece de veracidade, a outra, de arte. Entre as duas se estende o impossível artesanato intelectual da verdadeira biografia." (Kendall, 1965)

A ênfase dada às formas de individualidade modeladas pela cultura, a busca do detalhe e o esforço de captação dos objetos e dos espaços de sensibilidade de uma época estão presentes nas fontes intelectuais em que Freyre se inspirou desde a adolescência. No mundo germânico, a atmosfera intelectual criada pela filosofia da cultura de Nietzsche, o simbolismo decadentista de Stefan George

e Hoffmanstal e o historicismo de Dilthey inspiraram grandes trabalhos biográficos, como Frederico II, de Kantorowicz, Goethe, de Fredrich Gundolf, os estudos de Georg Simmel sobre Rembrandt e Schopenhauer, assim como os de Dilthey sobre Novalis, Goethe e outros. A monumental História da autobiografia de Georg Mitsch é obra de um discípulo de Dilthey. (Mitsch, 1950) Na área latina, José Ortega y Gasset introduziu essas correntes de pensamento e produziu ensaios culturais sugestivos, inspirados na confluência do "homem e suas circunstâncias" (retratos de Mirabeau etc.).

Gilberto Freyre esteve diretamente relacionado com a sensibilidade do romantismo tardio, tanto francês como inglês, com sua vasta e riquíssima tradição de literatura biográfica e autobiográfica, que vai de George Moore a Marcel Proust e dos Imaginary Portraits e The Renaissance, de Walter Pater, aos diários de Valéry Larbaud. De sua parte, dedicou muitas páginas ao resgate de diários pessoais e memórias de infância e juventude (Cavalcanti, Vauthier, entre outros). Escreveu brilhantes biografias instantâneas e perfis biográficos à Marcel Schwob e Lytton Strachey (Perfil de Euclides e outros perfis; pessoas, coisas e animais etc.). Essa arte miniaturista do perfil teve seguidores magistrais no século passado e se baseia no emprego da reticência, da observação do detalhe e das anomalias.

Marcel Schwob expõe assim as regras de sua arte: "A ciência histórica nos deixa na incerteza sobre os indivíduos. Revela-nos apenas os pontos em que estiveram envoltos em ações gerais. (...) A arte é o oposto das idéias gerais, não descreve mais que o individual, não deseja mais que o único. Não qualifica, desclassifica. (...) O livro que descrevesse um homem em todas as suas anomalias seria uma obra de arte como uma estampa japonesa na qual se vê eternamente a imagem de uma pequena tartaruga, percebida uma vez, a uma hora particular do dia. (...) O pintor Hokusai esperava chegar, quando tivesse cento e dez anos, ao ideal de sua arte. Nesse momento, dizia, todo ponto, toda linha traçada por seu pincel seria vivente. Por vivente se entende individuais. (...) nada mais parecido do que pontos e linhas: a Geometria se fundamenta neste postulado. A arte perfeita do biógrafo exige o único. Desse modo o ideal do biógrafo seria infinitamente o aspecto de dois filósofos que inventaram mais ou

menos a mesma metafísica. (...) Leibniz diz que para fazer o mundo Deus selecionou o melhor entre os possíveis. O biógrafo, como uma divindade inferior, sabe selecionar entre os possíveis humanos aquele que é único". (Schwob, 1986, p.7-8).

Essa linha da instantânea biografia, inspirada em um agudo sentido da atmosfera cultural, do detalhe revelador e da densidade do tempo vital (nas palavras de Montaigne, "Je ne peints pas l'être. Je peints le passage") que se quer capturar, é uma linha de escritura que se estende até os nossos dias. Por exemplo, em algumas das últimas obras de Roland Barthes. Em Roland Barthes pour Roland Barthes e Incidents, Barthes procura expor detalhes reveladores de suas rotinas, de seus modos de leitura, de seus hábitos sexuais. "Se não fosse escritor e morto, como eu gostaria de que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigoso e desenvolto, a alguns detalhes, a alguns gostos, a algumas reflexões, digamos de 'biografemas'..." (Barthes, 1971, p.5). Por isso, quando, em 1953, Roland Barthes comenta em Les Lettres Nouvelles a tradução francesa de Casa Grande & Senzala e destaca que "há em Freyre um sentido obsessivo pela substância, pela matéria palpável, pelo objeto que é, em última instância, a qualidade específica de todos os grandes historiadores", está em parte reconhecendo um escritor surgido de sua própria matriz cultural.

Não por casualidade, algumas das melhores biografias literárias contemporâneas surgiram de estudiosos do decadentismo e das origens do modernismo. Por exemplo, as biografias de James Joyce, Oscar Wilde, William Butler Yeats por Richard Elmann e a biografia de Marcel Proust por George Painter.

Os comentários anteriores demarcam o propósito e os princípios norteadores deste projeto - escrever uma biografia cultural de Gilberto Freyre no sentido antropológico do termo. As obras de Gilberto Freyre e os atos de sua vida serão estudados dentro de seus respectivos conceitos culturais, descrevendo-se a formação da consciência do protagonista fenomenologicamente dada em relação à consciência dos outros membros de seu mundo. A biografia cultural tem por objetivo ver como as idéias de um intelectual se constituem em relação aos universos com os quais se relaciona e que, por sua vez, contribuiu para criar. Esta é a única história intelectual digna desse nome, que consegue superar a mera descrição

cronológica comentada das obras.

Lucien Febvre observava a necessidade de ampliação da visão da história intelectual “restabelecendo a originalidade de cada sistema de pensamento em toda a sua complexidade e vicissitudes”. Partindo de ótica similar, Clifford Geertz propôs uma etnografia do pensamento moderno. (“The way we think now: ethnography of modern thought”, Geertz, 1983)

Geertz considera que “as várias disciplinas (ou matrizes disciplinares), humanística, natural, científica, científica social, que compõem o discurso disperso do conhecimento modernos são mais que simples categorias intelectuais vantajosas. São modos de estar no mundo, para invocar uma fórmula Heideggeriana, formas de vida, para usar uma Wittgensteiniana, ou variedades de experiência noética, para adaptar uma Jamesiana”.<sup>1</sup>

Esse objetivo supõe o desenvolvimento de métodos de investigação múltiplos. Geertz destaca três métodos particularmente relevantes do ponto de vista de uma aproximação etnográfica: o uso de dados convergentes, a explicação das classificações lingüísticas e o exame do ciclo de vida.

“Entendo por dados convergentes as descrições, medições, observações, como queira, que são ao mesmo tempo diversos, e mesmo abrangentes, tanto quanto ao tipo e grau de precisão e à generalidade dos fatos, oportunamente coletados e diversamente retratados, que realçam um ao outro pela simples razão que os indivíduos dos quais são descrições, medições ou observações estão diretamente envolvidos na vida dos outros; pessoas, que numa frase maravilhosa de Alfred Schultz ‘amadurecem juntas’”<sup>2</sup>

Geertz propõe uma atenção etnográfica ao vocabulário e aos conceitos disciplinares empregados como key symbols, além de formas de classificação da realidade, um tipo de análise tradicional em antropologia social. Também sugere que se preste atenção ao ciclo de vida não a partir de um ponto de vista meramente biológico, mas sim cultural, atentando para os ritos de passagem, os modelos de carreira presentes nas diferentes disciplinas e os critérios de legitimação profissional. Essas são temáticas relevantes para que empreendamos a biografia de um intelectual.

O próprio Lucien Febvre deu exemplos concretos, pioneiros, das virtudes de uma abordagem cultural nas biografias, em estudos como *Un destin*, *Martin Luther*

e *La religion de Rabelais*, hoje verdadeiros clássicos da antropologia histórica e da história cultural. Em épocas mais recentes, pode-se mencionar *Augustine of Hippo*, de Peter Brown, e na América Latina *Sor Juana Inés de la Cruz*, de Octavio Paz. Podem-se também mencionar dentro do gênero biografias *Hannah Arendt*, de Elizabeth Young-Bruehl, *George Orwell*, de Bernard Crick, e *George Gross*, de M. Kay Flavelli.

Dentro da inevitável simplificação que toda classificação implica, estas biografias

---

A ênfase dada às formas de individualidade modeladas pela cultura, a busca do detalhe e de captação da sensibilidade de uma época estão presentes nas fontes intelectuais em que Freyre se inspirou desde a ado-

---

de perfil cultural se distinguem de outros tipos de trabalho biográfico.

Consideramos “biografias populares” um tipo de investigação biográfica situada entre o jornalismo e o trabalho de erudição, no qual o peso do material recolhido através de entrevistas é predominante, e onde a personalidade do biografado tende a ocupar um lugar central na narrativa, muitas vezes em detrimento da análise de sua obra. Excelentes exemplos recentes deste gênero no Brasil são *O anjo pornográfico* - a biografia de Nelson Rodrigues por Ruy Castro - e *Chatô, o rei do Brasil*, por Fernando Morais. No exterior, exemplos dignos deste gênero são *Jean Paul Sartre*, por Annie Cohen Solal, *George Simenon*, por Pierre Assouline, e *André Malraux*, por Jean Lacouture, para mencionar apenas três exemplos próximos dentro de uma vastíssima produção.

Certas biografias históricas podem ser situadas neste tipo ideal, considerando-se o peso narrativo e a simplificação do trabalho de apresentação de fontes na obra. Seria o caso das biografias de *Henry Troyat* sobre *Tolstói* e *Tchecov*, assim como algumas das biografias escritas por *André Maurois* (*Vie de Disraeli*) e *Stefan Zweig* (*Maria Antonieta*, *Hernán Cortés*).

Num período recente, surgidas principalmente da poderosa máquina de inves-

tigação empírica que são as universidades norte-americanas, foram publicadas biografias, em particular de pensadores importantes, que se enquadram em outro gênero: a “biografia intelectual”. Tais estudos se centram no pensamento do autor, e tendem a interpretar seus textos em relação às tendências e escolas intelectuais da época. Como exemplo, podem ser mencionadas a biografia de *Raymond Aron*, em três volumes, e a de *José Ortega y Gasset*. *Freud, a Live for our Time*, de Peter Gay, também pode ser situada - com algumas reservas - neste tipo de trabalho.

Deixando de lado biografias romaneadas e trabalhos biográficos de caráter monumental-apologético - que estão fora do sentido deste projeto -, pode-se expor brevemente outros gêneros de biografia cuja análise é útil para a delimitação de nosso campo de trabalho.

Por biografia crítico-documental entendemos um estudo biográfico no qual o peso dos documentos apresentados predomina sobre o vocabulário interpretativo. Trata-se de uma apresentação organizada e factual da trajetória de uma personalidade intelectual, de modo que se tenha acesso à documentação sobre sua vida e sua obra que sirva de base a controvérsias e interpretações. Dois exemplos: *Vida de Freud*, de Ernest Jones, em três volumes, e a monumental biografia escrita por *Curt Paul Janz* sobre *Friedrich Nietzsche*, em quatro volumes. Pode-se considerar equivocada a classificação de “crítica” no caso da biografia de Ernest Jones, escrita demasiadamente sobre os acontecimentos e envolvendo participantes em polêmicas das quais o autor foi parte integrante. Mas o livro demonstra uma preocupação especial com a apresentação de documentos e dados sobre a vida de Freud, em geral bem fundamentados e independentes de apriorismos teóricos.

De maior rigor metodológico e provido de um aparato documental admirável, *Nietzsche*, de Janz, é um grande trabalho de apresentação e análise de materiais documentais, deixando de lado leituras parciais de Nietzsche. É um trabalho de grande qualidade, que, dentro dos tipos ideais, se aproxima da biografia cultural, uma vez que introduz descrições dos diversos círculos de amizade de Nietzsche, suas leituras e seus mestres. No conjunto da obra, em alguns momentos a elegância da narrativa é sacrificada pela preocupação com a apresentação de

documentos. Mas o grande mérito deste estudo reside em proporcionar uma base de conhecimento imprescindível para a reconstituição dos contextos sócio-culturais da obra de um autor situado no centro de um conflito de interpretações há quase um século.

A partir das observações teóricas apresentadas sobre os pressupostos de uma biografia cultural, pode-se dizer que a obra de Janz constitui um ponto de referência inevitável. O autor a quem nos propomos estudar é comparável a Nietzsche quanto à variedade de interpretações contraditórias que tem suscitado e à atualidade viva de muitas das problemáticas contidas em sua obra. Restituir, mediante procedimentos críticos rigorosos, a base documental é uma condição necessária para o sucesso deste projeto.

Os protagonistas das biografias mencionadas são os principais agentes da transformação da arte da biografia no século XX. Nietzsche e Freud formularam a pergunta sobre o significado dos atos, aparentemente sem importância, para a obra e introduziram a suspeita na aparente neutralidade dos discursos. A relação vida/obra começou a ser vista, a partir deles, com mais profundidade. Unidades de análise preestabelecidas, tais como subjetividade, obra, ciclo de vida, discurso, começaram a ser postas em evidência e reinterpretadas à luz dos procedimentos críticos da hermenêutica de Nietzsche e da psicanálise freudiana.

A sociologia histórica de inspiração marxista ou neomarxista, que introduziu conceitos como posição de classe, ideologia, conflito de interesses etc., teve também sua influência sobre a arte da biografia no século XX. É muito difícil escrever uma biografia crítica contemporânea sem a consciência de um método baseado no que Paul Ricoeur chamou de "as hermenêuticas da suspeita" de Marx, Nietzsche e Freud.

Possivelmente o maior esforço contemporâneo de biografia realizado no sentido de ser uma síntese entre subjetividade e totalidade histórica é o livro de Jean Paul Sartre, *L'Idiot de la famille*. Trata-se de uma interpretação biográfica da obra de Flaubert, a partir dos postulados metodológicos apresentados originalmente na *Crítica da razão dialética*. A obra propõe um compromisso entre o existencialismo de Sartre, com sua ênfase na consciência individual, e o materialismo histórico, que proporcionaria as ferramen-

tas para a análise da estrutura social e cultural de toda uma época.

A batalha pela demonstração desse método se deu sobre o terreno da vida de Flaubert, em particular sobre sua infância e obras de juventude, até o momento da aparição de *Madame Bovary*.

As perguntas formuladas por Sartre são: "Que se pode saber de um homem hoje?" e "Que sabemos, por exemplo, de Gustave Flaubert?". O indivíduo, para Sartre, faz parte de um todo que tem um significado de conjunto. No vocabulário sartriano, ele representa um "universal-singular", que é totalizado e universalizado por sua época, mas ao mesmo tempo ele a completa, ao reproduzir-se nela como singularidade.

A partir do que considera a ferida original de Flaubert, rastreada em sua infância, Sartre empreende uma restituição familiar, social e histórica da vida do autor, empregando os métodos da psicanálise existencial e do materialismo histórico.

"Nós mostramos a neurose de Flaubert tentando compreendê-la por dentro, ou seja, reconstituir a gênese proto-histórica a partir da história e descobrir naquela as intenções teleológicas subjetivas que se constituem por ela e acabam por estruturá-la. Assim, a neurose - intencional e imprevista - afigura-se-nos como uma adaptação ao mal, acarretando mais desordens que o próprio mal." (Sartre, 1971, p.18).

Sartre comenta o enraizamento da obra na subjetividade do autor, formada desde a infância na célula social, relacionada, por sua vez, com as estruturas objetivas do mundo sócio-histórico, o "prático-inerte".

"Para apreciar as desordens da neurose é necessário, mas não suficiente, limitar nossa investigação ao domínio da produção literária. Deve-se, por outro lado, cuidar de enfrentá-la em função de normas que se pretendem trans-históricas e que são, em verdade, mais do que o produto de um ou outro momento da história, ou, simultaneamente, de uma ou outra camada social, com outros interesses e outras relações internas com a classe burguesa." (Sartre, 1971, p.19)

A biografia filosófica de Flaubert - parcial porque aborda somente sua infância e juventude - contém material importante de psicologia descritiva sobre a enfermidade de Flaubert e de história cultural, em particular a reconstituição do mundo literário e social do Segundo Império.

A partir do ponto de vista que aqui estamos considerando - comparando-a com diversos tipos de aproximações do tema da biografia -, a obra de Sartre constitui uma exposição interessante das possibilidades da psicanálise no estudo de uma obra e na investigação das mediações dialéticas entre vida, obra e mundo sócio-histórico.

Nesse sentido, sua leitura pode ser inspiradora para um biógrafo. No entanto, o estudo de Sartre, julgado em seu conjunto, é uma biografia-tese, sendo às vezes distorcido segundo sua concepção filosófica, às vezes criando certas intuições originais. Ressalvando-se as distâncias de qualidade, como biografia de tese a obra de Sartre pode ser comparada a outros estudos que utilizam a vida de um autor para provar a validade de uma metodologia ou de um sistema conceitual. Por exemplo, o *Ensayo biológico sobre Enrique IV de Castilla y su Tiempo*, de Gregorio de Marañón, e a biografia de Sor Juana por Ludwig Pfandl, de inspiração psicanalítica.

O perigo das interpretações por demais ligadas a um sistema é que muitas vezes terminam ilustrando conceitos abstratos - narcisismo, deslocamentos simbólicos, neuroses, alienação, interesse de classe - com simples exemplos extraídos da massa documental, em vez de tentar capturar a especificidade e singularidade da vida que se quer reconstituir.

O estudo de Sartre pode servir de pretexto para apresentarmos a última discussão deste breve panorama sobre os problemas teóricos da biografia. Com efeito, recentes escolas críticas, como o neo-estruturalismo (Frank, 1982), partem de alguns dilemas teóricos enfrentados por Sartre para tentar superá-los. Um dos pontos de partida foi a intenção de abolir o dualismo sujeito-objeto: do lado do sujeito, a fenomenologia, que faz a experiência da consciência e do ato de significação seu ponto de partida; do lado do objeto, a sociologia positivista, que se aproxima dos fatos sociais como coisas que podem ser conhecidas através dos métodos das ciências naturais.

O neo-estruturalismo acreditou ter superado este dilema colocando-se sobre o terreno da linguagem, considerado como um sistema de signos que cria, por sua vez, os efeitos da subjetividade e da sociedade. O ponto de partida não é, nesta perspectiva, o "cogito", como argumenta Claude Lévi-Strauss em sua célebre polêmica com Sartre em *O pensamento selvagem*, e sim os códigos da cultura,

que estariam estruturados de acordo com um modelo lingüístico.

A morte do homem, a dissolução do "cogito", o descentramento do sujeito pelo discurso são todos tópicos já clássicos do neo-estruturalismo que vêm sendo objetos de polêmica há várias décadas. Com relação à presente investigação, o conhecimento desses debates é importante porque proporciona maior consciência do método e dos problemas relacionados com o esforço de interpretação. Não se pretende, porém, trabalhar em torno de uma biografia filosófica ou provar um sistema teórico particular tomando como pretexto a obra de Gilberto Freyre. Partindo de uma visão instruída pelas ciências humanas e com um escrupuloso método de tratamento dos documentos, será o esforço de produção da própria obra que determinará sua possível riqueza conceitual.

Nenhuma exposição formal a priori de um aparato teórico, por mais refinado que pareça, poderá garantir a qualidade do resultado final de uma investigação. Como observa Clifford Geertz, na história e nas ciências sociais as obras teóricas importantes são ao mesmo tempo trabalhos de grande riqueza empírica. Nenhum exemplo melhor desta tese do que a trilogia de Gilberto Freyre iniciada com a publicação de Casa Grande & Senzala, em 1933, seguida de Sobrados e Mucambos, de 1936 e Ordem e Progresso, de 1959.

## Notas

<sup>1</sup> Do original em inglês: "(...) the various disciplines (or disciplinary matrices), humanistic, natural, scientific, social scientific alike, that make up the scattered discourse of modern scholarship are more than just intellectual coigns of vantage but are ways of being in the world, to invoke a Heideggerian formula, forms of life, to use a Wittgensteinian, or varieties of noetic experience, to adapt a Jamesian".

<sup>2</sup> Do original em inglês: "By convergent data I mean descriptions, measures, observations, what you will, which are at once diverse, even rather miscellaneous, both as to type and degree of precision and generality undestandardized facts, opportunistically collected and various portrayed, which yet turn out to shed light on one another for the simple reason that the individuals they are descriptions, measures or observations of are directly involved in one another's lives; people, who in a marvelous phrase of Alfred Schutz 'grow old together'".

## Bibliografia

- BARTHES, Roland. Sade, Fourier, Loyola. Paris: Seuil, 1971.
- ELLMAN, Richard. "Freud e a biografia literária". Ao longo do riocorrente. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.287-301.
- FRANK, Manfred. Qu'est-ce que le Neo-structuralisme? Paris: Cerf, 1982.
- FREYRE, Gilberto. Sociologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, v.1.
- \_\_\_\_\_. Como e por que sou e não sou sociólogo. Brasília: UnB, 1968.
- \_\_\_\_\_. Contribuição para uma sociologia da biografia. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.
- GEERTZ, Clifford. Local Knowledge. Further Essays in Interpretative Anthropology. Basic Books, 1983.
- KENDALL, P. M. The Art of Biography. London: George Allen & Unwin, 1965.
- MITSCH, George. The History of Autobiography. London: Routledge & Kegan, 1950, v.1.
- SARTRE, Jean Paul. L'Idiot de la Famille. Paris: Gallimard, 1971.
- SCHWOB, Marcel. L'Art de la Biographie. Paris: Mercure de France, 1986.
- YOUNG-BRUHL, Elizabeth. The Writing of Biography. Partisan Review, 1983

---

\* Enrique Rodríguez Larreta é Doutor em Antropologia pela Universidade de Estocolmo e Diretor do Instituto de Pluralismo Cultural (Cândido Mendes).

\*\* Guillermo Gucci é Doutor em Letras pela Universidade de Stanford e Professor da Pós-Graduação em Letras da UERJ.

---